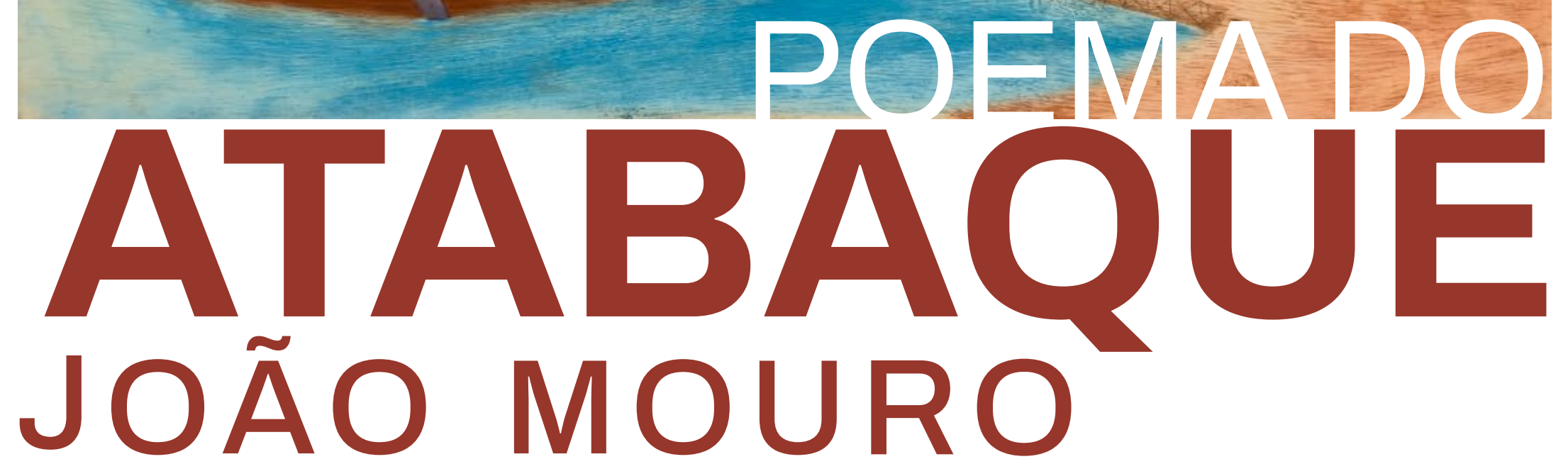






Abertura

12 de março • 19h

Exposição

até 11 de abril

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A



O coreto berimbau, o zepelim atabaque, da série “Porongopolis”

Tinta a óleo sobre compensado naval • 110 × 160 cm • 2025



A arquitectura dos atabaques, da série “Porongopolis”

Tinta a óleo sobre compensado naval • 110 × 160 cm • 2025



Porongopolis

Tinta a óleo sobre compensado naval • 110 × 160 cm • 2025

POEMA DO ATABAQUE

Não foi o fogo, mas a água, que atravessou os olhos de todos os seres do mundo e, por isso, transporta agora, em cada partícula sua, as memórias de cada um deles. De tal forma que as fontes, cachoeiras, cascatas e até as cataratas se tornaram o espetáculo dessas memórias, na versão positiva do que seria um campanário: uma torre única, solitária e singular, a aparecer a horas certas.

E assim, ao contrário do silêncio sepulcral interrompido pontualmente pelos sinos, nas cachoeiras ouve-se o júbilo contínuo: espírito concentrado e despojado, a cem quilômetros por hora, ilimitado na sua etiqueta. Como se o som da água em queda fosse o som da História, a nossa, claro, a dos Comuns.

Nas cúpulas da igreja-matriz de Porongopolis, instalaram-se as mais luminosas cabaças encontradas naquelas terras, abrigadas entre trepadeiras douradas de final de tarde, a hora dos abraços. As suas flores amarelas premeditam a bonança, figura do auspicioso, na resolução de quem continua, apesar de tudo, continua.

**“Se a memória começa
nos olhos, então o futuro
começa nos ouvidos”**



Por já terem sido reservatórios de água, as cabaças guardam agora todos os mistérios da vida e da morte, o que significa que o som do berimbau chegará com os enigmas do planeta, projectados em seu redor a partir de ondas sonoras invisíveis. Se a memória começa nos olhos, então o futuro começa nos ouvidos. Já o presente ocupa consistentemente a boca, em companhia do seu mais forte músculo, a língua, que não descansou uma única vez.

A cidade-orquestra de Porongopolis oferece as informações do mistério original do tempo, numa configuração abundante e emocionada. Os motoboys, a circular pela baixa, a conectar desejos, verificam o tubo de escape antes de arrancar, um agogô ou o instrumento oficial da convocação do futuro, para depois subirem a ladeira, na clara certeza de que todas as corridas constroem a pauta geral da paisagem sonora, enquanto se agarram ao guiador-berimbau.

O único fabricante de agogôs da cidade trabalha sempre em jejum, porque gosta de trabalhar sozinho e, se comer, terá o estômago a fazer-lhe companhia. De manhã, antes de dar início ao polimento, passa as mãos pelas cabaças douradas colocadas na entrada da oficina, que encontrou no mesmo campo das da igreja, e as pálpebras por água fresca. Já sem memórias nos olhos e sem calor nas mãos, pode estrear a lide do dia.

Não foi a água, foi o fogo, que atravessou os sonhos de todos os seres do mundo e, por isso, leva em cada repetição sua as ansiedades de toda a gente. Raios, trovões e relâmpagos são a extrapolção dessa agonia, uma visão optimista para uma noite de apagão em lua nova.

Os atabaques, que encerram simultaneamente luto de árvore e luto de animal, alimentam-se de pequenas doses de fogo para dignificar a sua madeira e o seu couro, libertando assim toda a humidade que se tenha acumulado e também todas as recordações, principal fonte ansiogénica.

A exposição *Poema do Atabaque*, de João Mouro, concretiza a co-moção de Porongopolis. A sua imagem, inicialmente musical, desdobra-se numa tradução constante entre meios, do sonoro para o pictórico e para o tridimensional, numa visita a esse futuro auferido pela sonoridade que chega aos ouvidos.

As pinturas de Mouro profetizam a pólis resolvida, capaz de dissolver as incongruências da sociabilidade através da integração de tecnologias de várias cronologias, geografias e saberes. É a dignificação de todos os conhecimentos que ficciona a cidade, novamente desejada pelos Comuns.

O contacto com as esculturas-instrumento, resgatadas da pintura para a tridimensionalidade, confirma a paisagem sonora em tempo real, na contemporaneidade, como uma provocação querida.

A possibilidade de serem simultaneamente artefacto e objecto-que-vem constitui o lugar de quimera que o trabalho de João Mouro nos oferece: a hipótese de transformar símbolos e significados, abrindo caminho à ideia de que outros sistemas iconográficos são possíveis e brilhantes na sua representação.

É preciso continuar.

Filipa da Rocha Nunes

FEVEREIRO DE 2026





Paisagem sonora, da série “Porongopolis”

Tinta a óleo sobre tela • 195 × 118 cm • 2026



As energias, da série “Porongopolis”

Tinta a óleo sobre compensado naval • 110 × 160 cm • 2025



Trem porongo e Ferry atabaque, da série “Porongopolis”

Tinta a óleo sobre compensado naval • 110 x 160 cm • 2025



Brincadeira de agogô

Tinta a óleo sobre tela • 130 x 90 cm • 2025





O Avião atabaque

Atabaque, inox polido martelado, e caixixis • 120 × 130 × 50 cm • 2025



Helicóptero

Cabaça, madeira, inox polido martelado e cordas de guitarra
40 x 25 x 40 cm • 2025



Parasónica

Parabólica SKY, cabaça, cordas de violão e madeira

80 × 110 × 150 cm • 2025



Pomba Kisanji

Madeira muiracatiara e inox • 35 × 6 × 35 cm • 2026



Pato Kisanji

Madeira e ferro • 37 × 8 × 64 cm • 2026



A apreensão dos atabaques

Madeira (pau-rosa, pinho, muiacatiara e eucalipto), parafusos, pedra, pandeiro, caxixi e atabaque • 60 x 27 x 112 cm • 2020



Foi por casa do violão

Madeira, vidro e inox • 112 × 26 × 43 cm • 2020





Esboço para Museu do Berimbau

Guache sobre papel • 50 × 42 cm • 2025



Museu do Berimbau

Madeira, vidro, inox, cabaça e corda • 110 × 27 × 56 cm • 2020



Ministério da Natureza

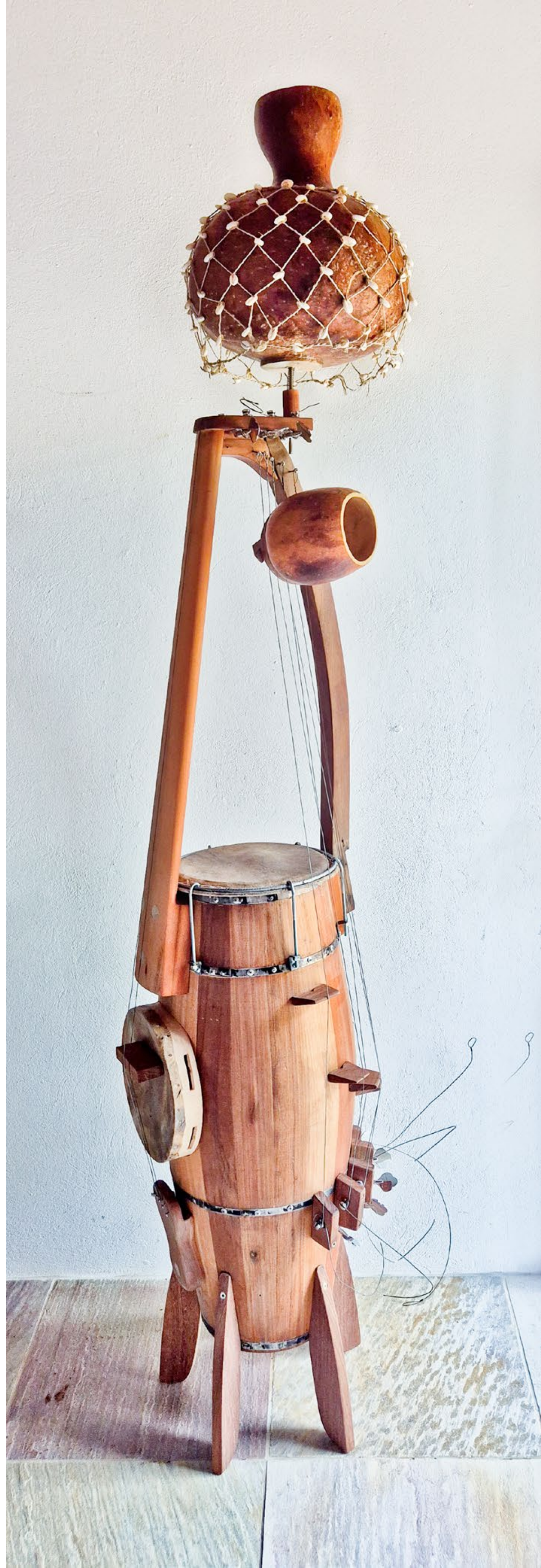
Madeira (pau-rosa, angelim, pinho, maçaranduba e muiracatiara), vidro, alumínio e parafusos • 170 x 140 x 55 cm • 2023





Torre Porongopolis

Atabaque, pandeiro, cabaças, búzios,
cordas de berimbau, corda, carrilhões,
cumaru, mui racatiara, inox
230 × 40 × 45 cm • 2026





O balanço das folhas

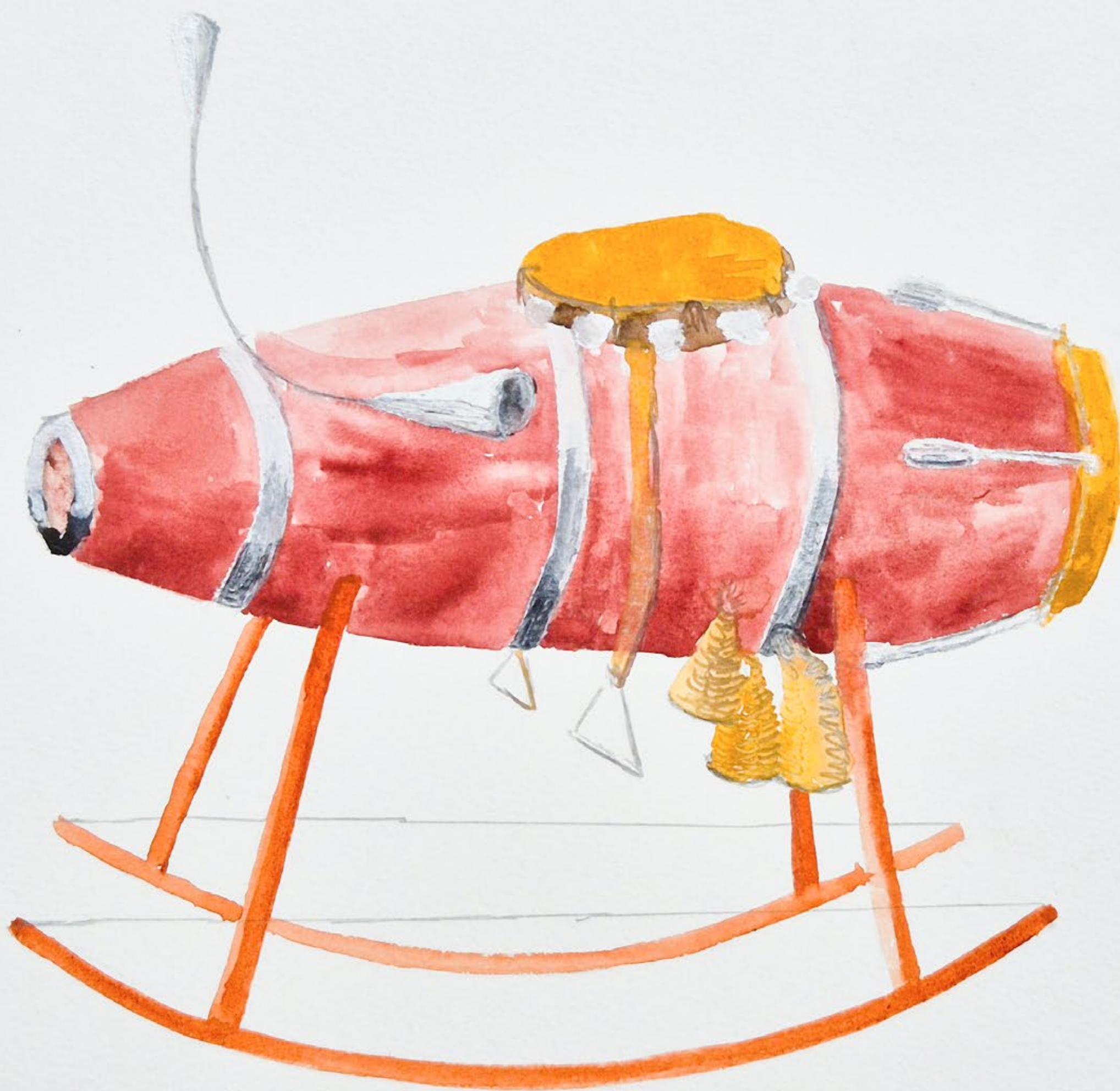
Madeira muiracatiara, cumaru e tinta a óleo

140 × 40 × 135 cm • 2025



Esboço para Museu da Percursão

Guache sobre papel • 50 × 42 cm • 2025



Esboço para Boi Atabaque

Guache sobre papel • 42 × 29,7 cm • 2025



Esboço para Porongopolis

Guache sobre papel • 42 × 29,7 cm • 2025



O paredão e o peso dele

Guache sobre papel • 42 x 29,7 cm • 2025



Construção da casa de madeira de demolição

Madeira (pau-rosa e angelim), vidro e parafusos • 60 x 27 x 112 cm • 2023



Foi por casa das peneiras

Madeira (pau-rosa, maçaranduba, pinho, muiacatiara e angelim), peneiras, vidro e parafusos • 60 × 27 × 112 cm • 2023



Don't bomb Syria
 Madeira, cabaça, coco, bloco de cimento e parafusos
 73 x 26 x 102 cm • 2018

Madeira, cabaça, coco, bloco de cimento e parafusos
73 x 26 x 102 cm • 2018



Atlectual

Compensado, madeira, arame, livros, corda, parafusos, lápis e caneta

26 × 21 × 28,5 cm • 2018



Ministério do Paredão

Óleo sobre tela • 120 × 120 cm • 2018



Canoa de balanço

Madeira muiacatiara e gonçalo-alves • 180 × 80 × 95 cm • 2018





De onde vêm as velas da série “Cadeiras para contadores de histórias”

Madeira e tinta • 200 x 90 x 80 cm • 2025

JOÃO MOURO

Nasceu em Faro, Portugal, em 1985, onde vive e trabalha. Estudou Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2009) e foi bolsista (2008) do Programa Erasmus na Accademia di Belli Arti di Brera, Milão, Itália. Em 2013 foi um dos artistas selecionados para a 10ª edição do Prémio EDP Novos Artistas, participando na exposição coletiva apresentada na Fundação Edp e Casa da Música no Porto. Das residências artísticas destacam-se: 2019, “Arte Pública no Bairro da Boa morte” São Tomé e Príncipe. 2019; ”Projecto BAL_OIÇA”, Centro Cultural do Mindelo, Cabo Verde, 2018; “Objectos Experimentais”, Galeria Saguão, Viseu 2014.

Expondo regularmente desde 2007, realizou individuais na Scope Basel International Art Fair, Galeria Astarté, Basel, 2012; Galerie Patrick Lancz, Bruxelas, e Experimenta Design - Show me design editors, Galeria 59, Lisboa, 2011; Andar à tulha, Show Me, Braga, e Nómadas urbanos, Popup, Lx Factory, Lisboa, 2010. “A casa impossível”, Amac, Barreiro, Portugal 2018, “De férias para fazer o balanço”, Galeria do Banco, Lisboa, 2017, “Foi por casa do carpinteiro”, Show me Art and Design gallery, Barcelos, Portugal, 2015, “Ventanismo”, Galería Astarté, Madrid & Arte Santander, Galeria Astarté, Santander, España 2012; “Andar à tulha”, Galerie Patrick Lancz, Bruxelas, 2011 Belgium & Show Me, Braga, Portugal, 2010, “Janelas de alumínio”, Galeria Novo Século, Lisboa, Portugal, 2009.

Participou nas seguintes exposições coletivas: “Mar – Deserto, Oxímoros para uma ausência”, Alfaia, Loulé, 2024; “Construccion del sonido”, Festival Villa Manuela, Museu Conde Duque Madrid 2016. Galerie Ulrike Hrobsky, Viena de Áustria, 2013; “Inside-out II, 5 colecciones”, Galeria Astarté, Madrid, España; “Arquitetura no Design”, Show me, Braga, Portugal; Scope Basel International Art Fair, Galeria Astarté, Basel, 2012; Experimenta Design - Show me design editors, vários autores, Galeria 59, Lisboa, Portugal, 2011;



Coordenação

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto

Filipa da Rocha Nunes

Fotografias das obras

Renan Benedito

Produção executiva

Dulcivalva Góes

Patrícia Nunes

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

Assessoria e revisão

Claudius Portugal

PAULO
DARZÉ
G A L E R I A